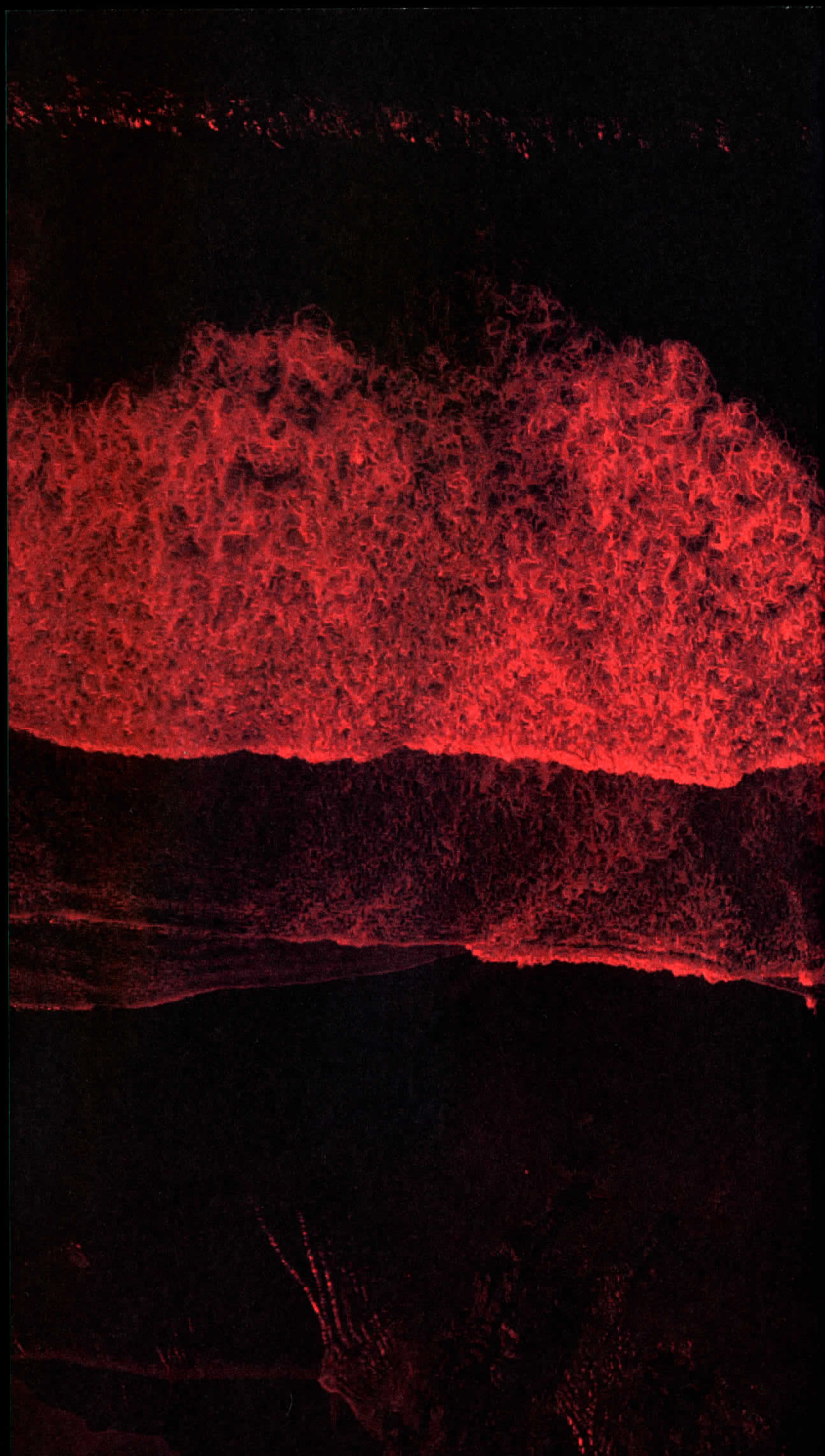


O MAR
É A TERRA

MIGUEL FIGUEIRA



O MAR É A NOSSA TERRA

MIGUEL FIGUEIRA

A deriva

Pedro Bandeira

Neste livro não se deve procurar os fatos da história universal, mas procurar encontrar o universo reconfigurado em função de um lugar específico. A cada passo, o círculo fecha-se e reentramos num correr inexorável do tempo onde tudo tem nexos, reencaminhando-nos sistematicamente para as ondas na foz do Mondego—o lugar onde Miguel Figueira cresceu e onde, com o surf, aprendeu a relacionar-se com o mar. Mas se a narrativa nos conduz a este lugar específico, a história deste lugar não é mais do que a história de outros lugares, de outros atores e de outras ondas—do mar que não se divide e que não tem fim.

A formação em arquitetura levou Miguel Figueira a trabalhar o «vazio» como matéria. Ao desenhar paredes, portas, janelas, volumes construídos, um arquiteto trabalha com materiais e fenómenos físicos, como os tijolos ou a luz. Mas esse trabalho não é mais do que uma estratégia para conformar o que envolve a matéria, o espaço «vazio» onde habitamos, o espaço que o uso transforma em lugar.

O desenho das ruas e praças de Montemor-o-Velho foi o primeiro trabalho de Miguel Figueira como arquiteto integrado no gabinete técnico da Câmara Municipal. Ao desenhar o espaço público estava, também, a desenhar o «vazio». Mais tarde, redesenhou com a equipa municipal os canais do rio e os caminhos de quem se movimenta no amplo espaço do vale do Mondego. A oportunidade de se apropriar e habitar este vale surgiu com o projeto para um equipamento desportivo—o Centro Náutico—onde Miguel Figueira compreendeu que, tal como as casas dependiam do «vazio» entre si, a vila dependia do «vazio» do vale. A grande diferença, era que na vila (assente sobre o maciço rochoso) a água era mantida à distância mas no vale era matéria de trabalho.

A escala territorial na aprendizagem com o vale e o rio, levaram Miguel Figueira a estudar o mar e em particular a onda do Cabedelo, na foz do Mondego, onde pratica surf há mais de três décadas. Ao longo desse tempo foi-se apercebendo das diferentes dinâmicas que constroem e desconstroem a orla costeira. Um sistema complexo com uma instabilidade natural (decorrente de marés, das correntes, dos fenómenos meteorológicos, das derivas

de sedimentos) mas também decorrente da ação humana salientando-se aqui a interferência da barra do porto marítimo da Figueira da Foz e do seu prolongamento, que pôs em risco a qualidade da onda do Cabedelo.

Em resposta ao desafio lançado pelo surfista Eurico Gonçalves, Miguel Figueira envolve-se no movimento cívico SOS Cabedelo denunciando o impacto ambiental da extensão desmesurada da barra—uma infraestrutura que inibe a deriva de sedimentos acumulados na praia da Figueira da Foz (seguramente a maior praia da Europa) provocando, conseqüentemente, a erosão da costa a sul. Como arquiteto, Miguel Figueira procurou encontrar soluções acabando por levar o Governo atual ao estudo da sua proposta de «bypass»—um sistema mecânico de bombagem permanente de areias que permitam restabelecer em grande parte a dinâmica dos sedimentos que alimentam a costa. Ainda com Eurico Gonçalves, contribuiu para a inscrição da reposição do ciclo sedimentar na revisão da atual política nacional de proteção costeira.

No âmbito do Movimento SOS Cabedelo foram ainda desenvolvidos diversos projetos que promovem a prática do surf local, destacando-se o projeto do Teleférico sobre o Mondego com o fim de ligar o centro da cidade e a praia do Cabedelo, ou ainda o projeto de iluminação do mar à noite para expandir as horas da prática de surf nos dias mais curtos—experiência efetuada com grande sucesso durante o festival internacional Gliding Barnacles (surf, música, arte) também organizados por membros do movimento SOS Cabedelo. É no âmbito da cidadania e do ativismo apartidário que deveremos enquadrar o trabalho que Miguel Figueira desenvolveu em torno das ondas da foz do Mondego—uma ação local que não deixa de espelhar uma preocupação global: o impacto das ações humanas sobre os sistemas costeiros.

Miguel Figueira aprendeu a olhar para o mar como o derradeiro «vazio», o «vazio» aparente que emerge em primeiro lugar do desconhecimento, mas que depois se apropria, se torna consciente, e se afirma como espaço que nos constrói e que modela o território que habitamos. Este percurso de aprendizagem em torno

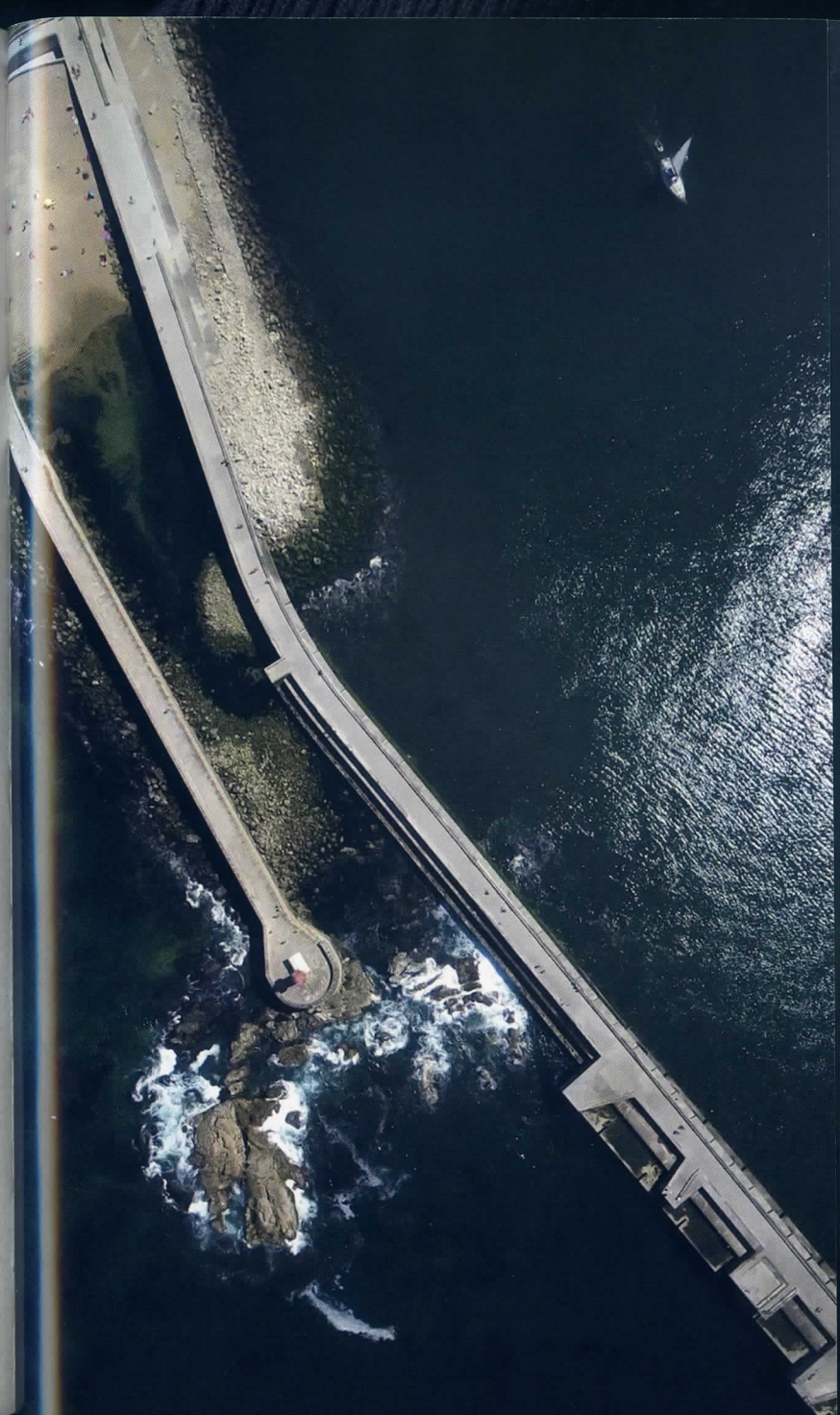
do «vazio» acaba por ser o fio condutor da narrativa deste livro. Não procura nada de novo, nem tão-pouco validar qualquer tese. Esforça-se por trilhar os mesmos caminhos de quem também seguiu as correntes do mar atento às variações da atmosfera. Da lógica ancestral da fixação de povoados aos mecanismos complexos da indústria contemporânea, o mundo que Miguel Figueira observa e trabalha reencontra-se naquele lugar específico capaz de encapsular todas as suas contradições. O mar é o espaço para onde convergem esses caminhos: o Mar é a nossa Terra.

Concebido como objeto autónomo, este livro parte da exposição *O Mar É a Nossa Terra*, patente na Garagem Sul do Centro Cultural de Belém, em Lisboa, de 10 de março a 9 de agosto de 2020. A exposição teve a curadoria de Miguel Figueira e André Tavares, com Pedro Maurício Borges, Marta Labastida, Ivo Poças Martins, Pedro Bandeira e Eurico Gonçalves.

A exposição *O Mar É a Nossa Terra* é uma co-produção do Centro Cultural de Belém (CCB) e do Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT) da Universidade do Minho.

Foz do Douro: Quebra-mar
Senhor da Pedra: Devoção
Aguda: Porto de praia
Espinho: Comboio
Cortegaça: Fogo de artifício
Costa Nova: Escola de vela
Cabo Mondego: Fábrica de cimento
Figueira da Foz: Acreção
Cabedelo: Surf noturno
Costa de Lavos: Arte-xávega
Nazaré: A onda mais alta
Foz do Arelho: Pluma de rio
Balear: Escolas de surf
Papôa: Fotografia de casamento
Peniche: Campeonato de surf

Fotogramas de Linha Sensível,
Miguel Figueira e Filipe Madeira,
produção CCB / Garagem Sul e
Lab2PT / Fishing Architecture, 2020.



Edição

EAUM / Lab 2PT / Pierrot le Fou

Coordenação editorial

Pedro Bandeira (EAUM), Miguel Figueira

Texto

Miguel Figueira

Prefácio

Pedro Bandeira

Design Gráfico

Change is Good

Apoios e agradecimentos

Centro Cultural de Belém / Garagem Sul, projeto Fishing Architecture (Lab 2PT, UM), Change is Good, Centro de Estudos do Mar e das Navegações Luís de Albuquerque, Arquivo Histórico e Fotográfico Municipal da Figueira da Foz, Direção Regional de Agricultura e Pescas do Centro, Serviços Florestais da Marinha Grande, Centro Português de Fotografia, Biblioteca Municipal de Ovar, The Navigator Company, Aitor Ochoa Argany, Alfredo Pinheiro Marques, Ana Fróis, André Tavares, Bruno Leonel Marques, Carla Cardoso, Carlos Henrique Azevedo, Daniel Gameiro, Daniel Pereira, Daniela Araújo, Diego Inglez de Souza, Eduardo Morais, Eduardo Traveira, Eurico Gonçalves, Filipe Duarte Santos, Filipe Madeira, Filipe Ribeiro, Gabriele Basílico, Gonçalo Cristo, Helena Dinamene, Ivo Poças Martins, Joana Nascimento, Joaquim Varela, João Armando Ribeiro, João Bracourt, João Francisco Figueira, João da Gorda, João Soares, João Teles Alves, Jorge Nogueira, José Albergaria, Lia Antunes, Luís Campos, Manuel Bispo, Manuel Traveira, Márcio Oliveira, Margarida Ventosa, Margarida Vieira, Marta Labastida, Nelson Mota, Nuno Morais, Paulo Fonseca, Paulo Vaz, Pedro Agostinho Cruz, Pedro Falcão, Pedro Maurício Borges, Pedro Nuno Ramalho, Pedro Pessoa, Pedro Vieira, Ricardo Bravo, Rik Bas Backer, Telma Costa, Xué Gil Guidonet, Zé Mateus, Zé Pedro Alvarez.

Impressão: Gráfica Maiadouro

Tiragem: 600 exemplares

Guimarães, fevereiro de 2020

ISBN: 978-989-8963-35-2

Depósito legal: 468143/20

Não se conseguiu identificar em tempo útil os detentores dos direitos de algumas das imagens publicadas. Se pretende reclamar a propriedade de alguma imagem por favor não hesite em contactar os editores.



CCB GARAGEM
SUL EXPOSIÇÕES
ARQUITECTURA



Universidade de Minho
Faculdade de Arquitectura



Laboratório de Paisagens,
Património e Território



PIERROT
LE
FOU

HÁ SÓ MAR NO MEU PAÍS: É É ELE QUEM DIZ, É ÉLE QUEM SOU.

AFONSO DUARTE